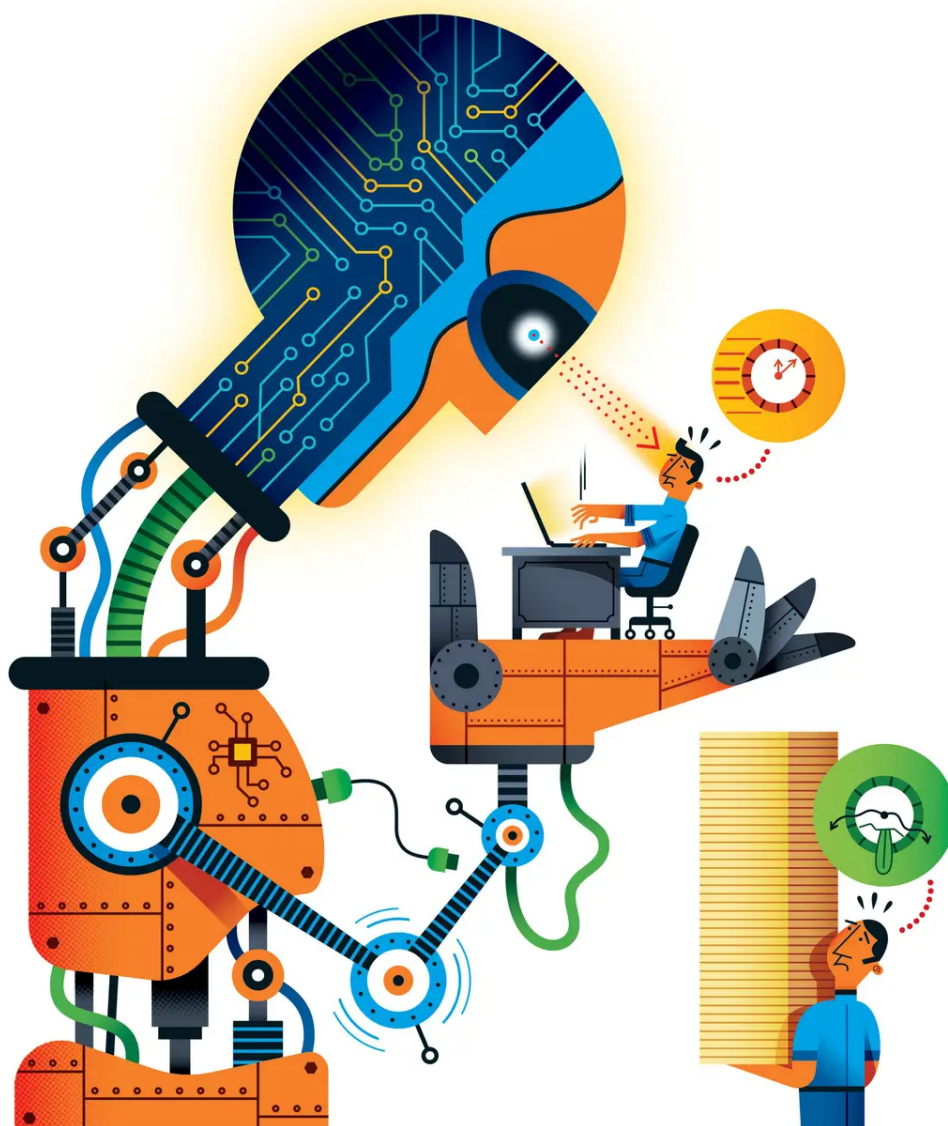




Exclusivo

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Como a inteligência artificial vai mudar o mundo (e as nossas vidas)



A tecnologia chegou para deixar marca e transformar os nossos dias: para o bem ou para o mal?



Ana Rita Guerra
Jornalista

Paulo Buchinho
Ilustração

Na nova série “Dia Zero” da Netflix, com Robert De Niro a estreiar-se em televisão como protagonista, os Estados Unidos são atirados para o caos quando um ciberataque em grande escala desliga todos os sistemas durante um minuto: eletricidade, comunicações, computadores, internet. Apenas 60 segundos causam perto de 3500 mortes no terror ficcional, porque tudo o que fazemos hoje está interligado e dependente de comunicações. Na nova era de inteligência artificial (IA), esta interdependência será elevada a potências que ainda não conseguimos contabilizar.

A introdução de IA no quotidiano não é nova nem surpreendente, tendo sido progressivamente maior na última década. Mas o que aconteceu com o salto dado a partir do surgimento do ChatGPT, em novembro de 2022, acelerou o ritmo de mudança de tal forma que estamos sempre a chegar atrasados às previsões. Há ideias ambiciosas de um crescimento exponencial da produtividade, que nos libertará de tarefas chatas para nos deixar concentrar naquilo de que gostamos e em que somos bons. Imaginem: deixar de ir a reuniões e mandar um agente IA no nosso lugar, para tirar notas, fazer perguntas e sumários. Deixar de passar horas a ler e-mails e a pôr coisas em agenda. Não perder tempo a marcar consultas nem viagens de trabalho, não ter sequer de aprender outras línguas porque o agente IA vai fazer tradução em simultâneo. Talvez um dia fale por nós. E daqui a uns anos, quem sabe não muitos, talvez pense por nós.

A ameaça à autonomia humana e eventual total dependência de IA pode desembocar nos cenários mais apocalípticos dos detratores da inteligência artificial

Decidir onde colocar a fronteira entre o útil e o exagerado é um dos exercícios que a sociedade não tem conseguido fazer devido à avalanche de novidades. Numa TED Talk provocadora, no final de 2024, o empreendedor Victor Riparbelli previu que a IA vai tornar a palavra escrita obsoleta no final da década, substituída por áudio e vídeo como principais meios de comunicação. A sua palestra, intitulada “Será que a IA vai fazer de nós a última geração a ler e escrever?”, toca num ponto essencial: esta tecnologia não irá apenas auxiliar-nos. Irá transformar-nos. Desviará o que nos define como seres humanos. Basta usar o Google já para o perceber: se pesquisar “Como é que a IA vai mudar a minha vida”, a primeira resposta não é um link para o artigo de um think thank

ou o livro de um futurista. É um “Resumo de IA” (AI Overview) gerado, precisamente, por inteligência artificial.

O BOM: PRODUTIVIDADE, EXPLOSÃO ECONÓMICA, AVANÇOS CIENTÍFICOS

No seu novo livro “A Singularidade Está Mais Próxima”, o futurista Ray Kurzweil argumenta que a IA vai ser “melhor que todos os humanos” em “todas as capacidades possuídas por qualquer humano”, já em 2029. É uma visão grandiosa de um futuro onde a tecnologia domina e resolve tudo. Kurzweil prevê que a IA permitirá tornar a energia solar na fonte dominante, que a maioria dos bens será gratuita e que haverá uma redução “dramática” da escassez física que assola grandes partes do mundo. Com IA, será finalmente possível preencher as necessidades de todos, tornando o mundo num lugar melhor para viver.

Kurzweil também acredita que, na próxima década, vamos começar a alimentar a nossa corrente sanguínea com nanorrobôs que irão conectar o nosso cérebro à nuvem, tornando-nos basicamente superinteligentes e misturando os nossos sentidos. Poderemos escalar o Everest sem meter lá os pés ou ir à praia ficando em casa. Outra boa notícia deste livro: a IA vai levar a tantos avanços na medicina que curaremos quase todas as doenças, e a próxima fronteira etária será chegar aos 1000 anos, não aos 150.

Embora muitas das previsões deste livro pareçam megalómanas, Ray Kurzweil é conhecido por ter acertado inúmeras vezes desde os anos 80. O seu tom apoteótico ressoa com a corrente de entusiastas que acredita num admirável mundo novo trazido pela IA, onde as inovações serão de grande benefício para toda a Humanidade.

Não é preciso começar com passos gigantescos. Os primeiros impactos positivos já se notam em ferramentas de produtividade, que poupam tempo e dinheiro às empresas e profissionais. O futurista Gerd Leonhard disse, numa entrevista ao Expresso em 2024, que estava a usar IA generativa com grande eficácia para coisas como legendas automáticas nos seus vídeos, permitindo-lhe chegar instantaneamente a todo o tipo de audiências.

É na produtividade que estão focadas tecnológicas como a Microsoft, Google, Apple, Salesforce ou Zoom, cujas adições de IA trabalham para facilitar as tarefas dos utilizadores. Um estudo recente do Goldman Sachs aponta para que a IA aumente o PIB global em 7 biliões de

dólares/6,68 bilhões de euros nos próximos dez anos, ou cerca de 7%. O impacto na produtividade varia conforme o estudo e o segmento, mas há um consenso de que irá levar a um aumento.

E em áreas como a investigação científica o efeito será tremendo. Os algoritmos conseguem encontrar em horas o que levava cientistas semanas ou meses a fazer, desde soluções para problemas a técnicas inovadoras. A IA já está a acelerar a pesquisa em doenças complexas como Alzheimer e Parkinson e a melhorar o rigor de previsões meteorológicas. Num artigo da National Academies of Sciences, Engineering and Medicine, é sugerido que haverá “cientistas IA” no futuro, isto é, sistemas artificiais que trabalham em parceria com cientistas humanos, podendo executar tarefas que são agora um exclusivo de seres biológicos.

Agricultura, cibersegurança, serviço ao cliente e transportes são outras áreas que terão efeitos positivos significativos da aplicação de IA

O MAU: DEEPFAKES, CAPITALISMO DE VIGILÂNCIA, RISCOS EXISTENCIAIS

O outro lado da moeda é igualmente extraordinário. Um dos riscos que mais tem sido levantado com a ascensão da IA é a destruição de empregos e a substituição de pessoas por máquinas que executam as mesmas tarefas 24/7, sem queixas nem subsídio de férias. Um estudo do Fórum Económico Mundial prevê que a IA vai afetar 40% dos empregos globais, embora haja também a expectativa de que muitas novas posições e carreiras sejam criadas.

Outro perigo é que algoritmos pouco transparentes agravem padrões de discriminação e iniquidade que já estão presentes nas estruturas laborais e sociais. Isso dependerá das salvaguardas que sejam implementadas antes de tudo estar impregnado de IA.

Mas um dos problemas que já está bem patente agora é o aumento exponencial das capacidades de manipulação e desinformação através de tecnologias IA, sobretudo de deepfakes — vídeos e áudios artificiais que parecem reais e podem ser usados para influenciar eleições, humilhar figuras públicas, retaliar contra indivíduos, chantagem e outras fraudes. Várias empresas têm soluções para identificar conteúdos artificiais que se fazem passar por autênticos ou impedir manipulações, mas o panorama é fragmentado e não há padrões globais para mitigar o risco. Numa era de pós-verdade, factos alternativos e desconfiança dos meios de comunicação tradicionais, a verificação de autenticidade será um desafio cada vez maior.

Este dilema tem pontos de contacto com o agravamento do “capitalismo de vigilância”, uma expressão que descreve a maximização de lucros das grandes tecnológicas através da recolha maciça de dados dos utilizadores e a deterioração progressiva da privacidade e autonomia online. Conseguindo prever o comportamento, estes sistemas determinam como o influenciar, afunilando o que os consumidores pensam que são as suas próprias escolhas.

A IA, argumentam críticos, vai exacerbar o problema. Não só dará ainda mais poder e controlo à big tech como terá vias de acesso direto aos utilizadores, via bots de conversação e agentes personalizados (já ocorreram instâncias de bots que tentaram manipular os utilizadores, sendo o do Sydney o mais mediático).

Daqui deriva outra discussão: a ameaça à autonomia humana e eventual total dependência de IA, o que pode desembocar nos cenários mais apocalípticos dos detratores da inteligência artificial. Investigadores, futuristas e céticos ligados ao segmento temem que o desenvolvimento acelerado de IA sem salvaguardas seja um risco existencial para a Humanidade, e houve mesmo um movimento para tentar abrandar o ritmo de inovação. Até agora, isso não deu resultados concretos.

O VILÃO: QUEM CONTROLA A TECNOLOGIA DO FUTURO?

A “corrida ao armamento” que acelerou a partir do lançamento do ChatGPT tem estado a definir-se em dois polos. De um lado, a big tech norte-americana, com investimentos de milhões entre OpenAI, Microsoft, Google, Nvidia, Meta, Amazon e Apple. Do outro, a potência nascente de sistemas open-source chineses, com destaque para a DeepSeek, que poderão tornar-se mais populares globalmente por terem código aberto e requererem menos investimento.

Uma vez que o mercado está a definir-se, é difícil antecipar em que mãos vai cair o controlo da tecnologia do futuro, ou se haverá uma dispersão tal que ninguém dominará nada. O certo é que, nos próximos anos, haverá uma ausência de salvaguardas, mecanismos de responsabilização e testes prévios, de acordo com a abordagem que a nova Administração norte-americana está a tomar. Estas tecnologias, possivelmente as mais poderosas alguma vez criadas, poderão ser concentradas entre apenas algumas empresas controladas pelos homens mais ricos do mundo.

RELACIONADOS

Negócio dos seguros já está a ganhar eficiência à boleia da inteligência artificial